A EDUCAÇÃO DA AFETIVIDADE E O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO[1]

EDUCATION AND OF AFFECTIVITY THE PROCESS CONSTRUCTION OF KNOWLEDGE

Lia Rachel Gomes Lima Sanches[2]
Iglê Moura Paz Ribeiro[3]

RESUMO

O artigo aborda a afetividade como fator primordial para o pleno desenvolvimento do ser humano, pois a partir desse vínculo os escolares se devolvem harmoniosamente nos sentimentos e emoções. E trás como objetivo a analise da importância da afetividade durante o aprendizado no processo de construção do conhecimento. As abordagens e os teóricos sobre a afetividade determina a atitude sobre o afeto em sua experiência vivida, promove os impulsos motivadores e inibidores, fazerem perceber os fatos de maneira agradável ou não, confere uma disposição indiferente ou entusiasmada e determina sentimentos que oscilam entre dois pólos: a alegria ou a tristeza. Por isso, a afetividade torna-se importante na formação integral do ser humano, pois possibilitam diversas maneiras de agir em diferentes situações da aprendizagem, afirmando o modo de relação de o indivíduo interagir e perceber o mundo que o rodeia. Enfoca a afetividade e sua influência sobre o pensamento e sobre toda a conduta do indivíduo influenciando sua maneira de aprender. Fundamenta teoricamente o relacionamento afetivo entre professores e alunos, a fim de que eles possam se desenvolver cognitivamente no processo ensino aprendizagem, evitando problemas de afetividade, baixa autoestima, dificuldade de aprendizagem, timidez e outras manifestações que podem levar à reprovação. Confirma a importância do psicopedagogo na orientação aos professores, e na atuação da sala de aula para que os alunos se interessem pelos estudos, melhorem o aprendizado e torne a escola um local prazeroso. Apresenta um estudo de caso como análise de entendimento da afetividade na aprendizagem do educando e na atuação da professora no vínculo ensino aprendizagem.

Palavras-chave: afetividade, aprendizagem escolar, desenvolvimento infantil, educação integral, ser humano.

ABSTRACT

The paper addresses the affectivity as the primary factor for the full development of human beings, because from that link the school to return harmony in feelings and emotions. And back out to analyze the importance of affectivity during the learning process of knowledge construction. Approaches and theories of affection determines the attitude of the affection in your experience, promotes the impulses that motivate or inhibit, the facts make sense in a pleasant or not, makes a provision indifferent or enthusiastic feelings and determines that oscillate between two poles : joy or sadness. Therefore, the effectiveness becomes important in the formation of the human being, as it allows several ways of doing things in different learning situations,

---

[1] Trabalho de Iniciação Científica -Instituto Superior Fátima
[2] Acadêmica do Curso de Pós-graduação em Psicopedagogia - Instituto Superior Fátima
[3] Orientadora - Instituto Superior Fátima

saying the way the relationship of individual to interact and understand the world around him. It focuses on affect and its influence on thought and on the whole conduct of the individual influencing their way of learning. Based theory, the affective relationship between teachers and students so that they can develop cognitively in the learning process, avoiding problems of affection, low self-esteem, learning difficulties, shyness and other events that can lead to failure. Confirms the importance of the psychoeducator guidance to teachers, and classroom activities for students interested in studying, improve learning and make school a pleasant place. Presents a case study analysis and understanding of emotion on learning of the student and the teacher's role in teaching and learning relationship.

INTRODUÇÃO

A afetividade é compreendida como sendo o estado de ânimo ou humor, os sentimentos, as emoções e as paixões, podendo determinar atitude do indivíduo diante de qualquer experiência vivencial, promovendo os impulsos motivadores e inibidores; por isso, exerce uma profunda influência sobre o pensamento e a conduta do indivíduo (ANTUNES, 2007).

Por isso, a afetividade é compreendida atualmente como aspecto inseparável das relações cognitivas dos escolares, do ensino aprendizagem e das vivências pedagógicas vividas pelos professores. Embora essa afirmação seja consensual entre os estudiosos da atualidade, encontram-se mais estudos de cunho teórico que empírico a esse respeito (SOUZA, 2003).

Para Oliveira (2001), no âmbito escolar, principalmente no que se refere à aprendizagem, ainda se encontram concepções que privilegiam um aspecto em detrimento de outro, como se o aluno pudesse ser separado em duas áreas: a afetiva e a cognitiva. Essa visão restrita influência na compreensão que se tem sobre a aprendizagem e sobre as dificuldades de aprendizagem.

Os problemas de aprendizagem são de fato difíceis de serem compreendidos, principalmente por serem de causa multifatorial. No entanto, para se avançar na compreensão do não aprender, um primeiro passo é olhar para a criança em sua totalidade afetiva e cognitiva, conforme sugere as teorias, ao considerar a afetividade e cognição como aspectos inseparáveis, irredutíveis e complementares da conduta humana (SOUZA, 2003).

A criança encontra certas dificuldades quando começa a interagir com outras pessoas, porque traz consigo conhecimento do seu meio. Ao entrar na escola se depara com as normas impostas que lhe obrigam a regular os seus impulsos e controlar-se diante do outro,

esta manifestação muitas vezes reprimem quando, são feitas de maneira autoritária. A falta de interação da professora pesquisada tem refletido no insucesso escolar dos alunos e na afetividade do grupo (OLIVEIRA, 2001).

Diante dessa problemática, o objetivo do trabalho é analisar a importância da afetividade na relação professor-aluno e sua implicação no processo de aprendizagem. Há também a necessidade de verificar os conhecimentos que as crianças trazem o que poderá contribuir para o trabalho do educador.

Alguns estudiosos se dedicaram a analisar os aspectos cognitivos das dificuldades de aprendizagem nesta perspectiva teórica. Acredita-se que estudos empíricos são necessários para compreender as relações teóricas sobre o aspecto afetivo. Além disso, abordar afetividade numa perspectiva piagetiana, abre caminhos para a adoção de condutas mais adequadas quando se fala do desenvolvimento integral da criança no ambiente escolar, (PIAGET, 1994).

Diante disso, torna-se importante a afetividade para o aprendizado e para o processo de construção do conhecimento dos escolares, com a pesquisa bibliográfica e o estudo de caso que ilustrará o processo cognitivo infantil e a condução da professora para favorecer o desenvolvimento e o aprendizado do aprendente.

REFERENCIAL TEÓRICO

ABORDAGENS DA AFETIVIDADE

Entender as relações da afetividade e da forma cognitivamente organizada pelos sujeitos da aprendizagem é significativo, para professores e alunos andarem diante da relação do saber organizado.

Piaget (1994) considera a afetividade como a energética da ação pedagógica sendo fundamental para o funcionamento da relação cognitiva, mas ressalta que não modifica a estrutura da mesma. A afetividade é a mola propulsora de todo tipo de atividade, em outros termos é a energia que impulsiona a ação.

Ainda segundo Piaget (1994), o aspecto cognitivo e afetivo tem influência mútua, uma vez que um não pode funcionar sem o outro, sendo indissociáveis. Nesta visão, não é possível separar, na ação, ambas as dimensões, ou seja, em: toda conduta, seja qual for, contêm necessariamente estes dois aspectos: o cognitivo e o afetivo.

O mesmo autor afirma ainda que outra idéia central é o paralelismo entre o desenvolvimento afetivo e a evolução do pensamento. Para cada construção cognitiva, há uma construção afetiva e, portanto, ambas possuem uma gênese e pode-se dizer que além de ser coerente com sua teoria construtivista, essa hipótese traz uma nova explicação sobre a dimensão afetiva que também evolui no desenvolvimento (1994).

A análise deste autor nesta questão é de suma importância para os educadores (pais, professores e profissionais ligados ao ensino), que devem se responsabilizar não apenas pelo desenvolvimento dos aspectos cognitivos, mas também dos aspectos afetivos sem desconsiderar, são claro, das outras dimensões como a moral e a social.

Além da indissociabilidade, do paralelismo, Piaget (1994) explica que ambos são complementares em toda a atividade psíquica e não constituem duas realidades independentes. No entanto, acredita que a inteligência não pode explicar o afeto e vice-versa.

Piaget (1994), ao explicar e defender a idéia sobre as relações entre afetividade e inteligência analisa duas interpretações que ainda hoje estão presentes nas crenças e concepções de alguns educadores (pais e professores) e profissionais. Uma delas é de que o conhecimento e as operações cognitivas seriam resultantes da afetividade ou vice-versa e a outra é que a afetividade pode intervir na inteligência acelerando-a ou retardando-a.

Segundo Wallon, (1968) seus estudos estabelecem diferença entre emoção e afetividade. As emoções são manifestações de estados subjetivos, mas com componentes orgânicos. Contrações musculares ou viscerais, por exemplo, são sentidas e comunicadas através do choro, significando fome ou algum desconforto. Já a afetividade, tem uma concepção mais ampla, envolvendo uma gama maior de manifestações que engloba sentimentos (origem psicológica) e emoções (origem biológica); por isso, a afetividade corresponde a um período mais tardio na evolução da criança, quando surgem os elementos simbólicos. Em síntese, pode-se ver a afetividade presente nas principais decisões de ensino, assumidas pelo professor, desde a escolha dos objetivos de ensino até o processo de avaliação da aprendizagem. A afetividade está relacionada intimamente com a aprendizagem, pois faz parte das dimensões humanas, que são: dimensão cognitiva, afetiva, psicomotora e de crenças. Dessa forma, a dimensão afetiva presente nos momentos da vida, influencia a aprendizagem e as relações com as pessoas e o meio ambiente. Na verdade, são as experiências, vivências com outras pessoas que irão marcar e conferir aos objetivos um sentido afetivo, determinar desta forma a qualidade do objeto internalizado. Por isso, os aspectos afetivos não estão apartados do processo de aquisição de conhecimento.

> A emoção consiste naquilo que une o indivíduo à vida social pelo que pode haver de mais fundamental na sua existência biológica, e esta ligação não sofrerá ruptura, embora as reações orgânicas da emoção tendam a esbater-se à medida que a imagem das situações os das coisas si intelectualiza. (ALMEIDA, 1999: 28):

Para Almeida (1999), as emoções e a inteligência possuem propriedades que se opõe a outra para desenvolver o indivíduo. A opção de trabalhar com a pedagogia afetiva proporciona aos professores a busca da aceitação e reconhecimento de seus próprios sentimentos e de seus alunos. Assim, os docentes podem e precisam construir saberes que desenvolvam a sensibilidade, a fraternidade, a amizade e a empatia. Somente assim, o ambiente da aprendizagem será propício ao desenvolvimento integral do educando, unindo o conhecimento cognitivo ao afetivo.

Para Wallon (1968), ponto de partida do psiquismo é afetividade que contribui no ponto de vista da construção das pessoas e no conhecimento. A emoção constitui em grande parte na vida orgânica porque por intermédio de mágoas, ressentimentos, medo, enfim todos estes aspectos correspondentes ao organismo à consciência afetiva é a forma pela qual o psiquismo emerge da vida orgânica. Dessa forma permitirá a tomada de posse dos instrumentos com os quais trabalha a atividade cognitiva.

Esta posição da manifestação da emoção na vida orgânica indica precisamente o momento em que ocorre um ato agressivo, emotivo onde persiste como conduta em que estão nítidos os dois componentes orgânicos e sociais.

Segundo Wallon (1992), para toda alteração emocional há uma flutuação tônica, ou seja, os músculos se contraem. Assim, “um medo súbito é capaz de dar instantaneamente a um corpo humano a consistência de um boneco de trapos”.

Observa-se que aprofunda sua tese acerca do papel do tônus como classificatória: emoções de natureza hipotônica que reduz o tônus como susto, a depressão e o medo. Já as emoções hipertônicas que geram tônus, tais como a cólera e a ansiedade são capazes de tornar inflexível a musculatura periférica. Em última estância vem o caráter prazeroso onde movimentos expressivos como a alegria e o orgasmo venéreo tornam flexível a musculatura periférica (LA TAILLE, 1992).

A alegria leva as pessoas a movimentarem, mais ao passo que o medo, tendência os movimentos cognitivos, num sentido cada vez mais regressivo. Na verdade o teórico explica que depende da situação de comportamento para retomar o controle da situação. Portanto, o autor esclarece que é possível que a emotividade seja diretamente proporcional à insuficiência de meios, inaptidão e incompetência ocorrendo em circunstâncias novas e difíceis. Observa-se

que na interação entre adultos e crianças onde os conceitos emocionais são mais elevados resultando no chamado circuito perversos (ALMEIDA, 1999).

Acredita-se que estes transtornos emocionais diminuem a capacidade de percepção exterior do indivíduo, prejudicando a atividade de relação, porque a sensibilidade tem um nível afetivo e outro cognitivo. O caráter altamente contagioso da emoção apresenta-se por meio da expressão do rosto e da mímica manifestados pelas crianças provocando o choro, bocejo movimentos dos braços e das pernas e com estes aspectos a emoção, esculpe o corpo imprimindo uma forma e consistência desajustada do aspecto físico. Pode-se explicar que:

> Existem ao mesmo tempo solidariedade e oposição na consciência entre o que é imagem intelectual. Entre as duas não param de desenrolar ações e reações mútuas que mostram como vãs as distinções de espécies que os diferentes sistemas filosóficos fazem entre matéria e pensamento, existência e inteligência, corpo e espírito (ALMEIDA, 1999: 28).

Segundo Almeida (1999), esses dois elementos coexistem no indivíduo em todos os momentos, mesmo naqueles em que o estado emotivo se manifesta reações orgânicas. Entre ambos existe contradição. A inteligência não se desenvolve sem a afetividade e vice versa, pois ambas compõem uma unidade de contrários. Por isso, em sala de aula, as relações interpessoais são essenciais, pois esse espaço é construído com essas relações, formando valores e atitudes no aluno, isso acontece por meio da interação professor, alunos e o grupo no geral. Dessa forma, pode-se afirmar que:

> A qualidade das relações interpessoais manifesta-se de muitas maneiras: dedicar tempo à comunicação com os alunos, a manifestar afeto e interesse, a elogiar com sinceridade, a interagir com os alunos com prazer, (MORALES, 2003: 54).

Morales (2003), afirma que o professor fica satisfeito com o convívio em sala de aula, o seu aluno também atua e participa mais ativamente desse processo e se integra nesse convívio de satisfação. O modo como se dá a relação com os alunos pode e deve incidir positivamente tanto no aprendizado deles, e não só das matérias dadas, como satisfação pessoal e profissional. O professor que se sente realizado tem motivação e integra-se na escola, com alunos e com a forma de ensinar e aprender.

Com Morales (2003), pode-se entender que as relações interpessoais estão intimamente ligadas com a afetividade, pois fica difícil professor e alunos conviverem com entusiasmo e otimismo, sem que haja afeto entre eles. O aluno que não se sente bem com os colegas e com os professore não tem motivação para aprender, desenvolver a criatividade, crescer, refletir, serem curiosos, críticos e formadores de opiniões, pois:

> Os laços entre alunos e professores se estreitam e, na imensa proximidade desse imprescindível afeto, tornou-se importante descobrir ações, estratégias, procedimentos sistêmicos e reflexões integradoras que estabeleçam vínculos fortes entre o aluno, o professor e o aprendizado (ANTUNES, 2007: 12).

Segundo Antunes (2007), o professor precisa buscar meios de conquistar o aluno, de envolvê-lo com os conhecimentos, transmitir palavras de otimismo, mensagens positivas, pois o estado de humor do professor interfere no processo de maturação afetiva do aluno.

> Por isso, o professor deve ser transparente, mostrar a verdade para o aluno, dialogar com ele e a afetividade deve fazer parte dessa relação. Para que o aluno e seus colegas de classe sintam que o interessa por eles, para que não haja conflitos em sala de aula, o educador deve ser mediador, ouvinte, orientador (MORALES, 2003: 61).

Para Morales (2003), a afetividade está tomando no espaço da escola, pois cada vez mais é observado que antes de tudo, o aluno é humano e tem sentimento, emoção, porque primeiro vem o afeto e depois o cognitivo.

Portanto, observa-se que o professor precisa melhor a maneira de se relacionar com seus alunos, por isso a autoestima deve elevar os conhecimentos da aula, aguçar pensamentos de alegria e desejo de aprender, pois, este é o maior aprendizado. Sobre o convívio do aluno e do professor em sala de aula. É durante este convívio, e nesses momentos de interação, compartilhados e vividos em conjunto, que o domínio afetivo se une à esfera cognitiva e o aluno age de forma integral, como realmente é, em um todo. Ou seja, ele com a razão, mas também com os sentimentos e as emoções (HAYDT, 1998).

Segundo Haydt (1998), no convívio positivo, o aluno não age só com a razão, mas, ao lado do emocional, do cognitivo e do afetivo. Assim, além de aprender passa a gostar de aprender. A afetividade é preponderante para o processo de construção do ensino-aprendizagem, a socialização do grupo escolar, a convivência nas relações interpessoais entre professor, aluno e colegas de classe, podem evitar a repetência e a evasão escolar.

De acordo com Morales (2003), quando o aluno não se sente seguro, respeitado, ouvido pelos professores e pais, não se sente querido; pois essas pessoas são significativas em sua vida. E diante dos colegas de classe espera a mesma reciprocidade.

> Criando uma atmosfera efetiva e protetora e utilizando procedimentos democráticos, alimentando a dignidade humana e promovendo a diversidade cultural, as escolas podem ajudar os alunos a sentirem-se bem-vindos e aceitos. De esse modo a escola cria ambientes de igualdade, criatividade, abrindo portas para o aluno crítico, reflexivo, mostrando o aprender, o erro e as diferenças, (CAMPBELL, 2000: 179).

Por isso, Morales (2003) esclarece: o professor precisa ser atento, observador, ministrar aulas com atitudes motivadoras, contagiantes, carregadas de prazer e alegria, com

relações interpessoais ajustadas com cada fase e maturação inovando, a criatividade. Com métodos e estratégias adequadas a turma, que o aluno perceba seu aprendizado, suas conquistas e adquira confiança em si mesmo, progrida e cresça intelectualmente e tenha satisfação de estar aprendendo, construindo sua capacidade em formar conhecimentos e sua autorealização em aprender.

Segundo Moysés (2001), o fato de o aluno conviver com o desempenho bom ou ruim podem influenciar a relação cognitiva escolar podendo afetar seu esforço, sua persistência. Nesse sentido os professores devem atuar com laços de afetividade e com relações de interesse pelo mundo compreendendo a realidade do seu desenvolvimento intelectual. Aprender ligado ao ato afetivo.

De acordo com Rossini (2002), a afetividade domina a atividade pessoal na esfera instintiva, nas percepções, na memória, no pensamento na vontade, nas ações. A sensibilidade corporal é componente do equilíbrio e da harmonia da personalidade. Portanto, é preciso investir na afetividade como uma saída para uma educação do futuro melhor, justo, e humanamente correto.

Para Rossini (2002), as crianças devem ter oportunidade de se desenvolverem afetivamente na aprendizagem. E a educação deve possibilitar-lhes condições do emocional florescer, expandir o espaço educativo saudável para a vida.

A AFETIVIDADE E A APRENDIZAGEM

A afetividade assume uma notável dimensão no complexo processo estrutural da inteligência e no desenvolvimento da aprendizagem. De acordo com Piaget (1978), as estruturas cognitivas são variáveis e serão as formas de organização da atividade mental, sob um duplo aspecto: motor ou intelectual de uma parte, e afetivo de outra, com suas dimensões individual e social.

A afetividade corresponde à energia que mobiliza o ser em direção ao ato de aprender, mostrando assim, a importância do relacionamento afetivo durante o processo de ensinar e aprender do professor/aluno e as atitudes de ambos para o sucesso escolar. Como esclarece que:

> A escola deveria também saber que, em função dessa articulação, a relação que o aluno estabelece com o professor é fundamental enquanto elemento energizante do conhecimento (SALTINI ,1999: 20).

Por isso, é importante entender que no decorrer de todo o processo de

desenvolvimento da aprendizagem, a afetividade é como uma energia que impulsiona as ações. Pode-se esclarecer que:

> (...) a afetividade é comumente interpretada como uma energia, portanto como algo que impulsiona as ações. Vale dizer que existe algum interesse, algum móvel que motiva a ação. O desenvolvimento da inteligência permite, sem dúvida, que a motivação possa ser despertada, cada vez maior de objetivos ou situações (LA TAILLE, 1992: 65).

La Taille (1999), afirma que para julgar a importância do afeto na aprendizagem dos conteúdos, é necessário levar em consideração o ser a pensante, que todo saber se origina na internalização e, se desenvolve num plano interno da consciência humana controlando o processo psicológico.

Para Vygotsky (1994), é possível evitar esse dilema concebendo a consciência como organização objetivamente observável do comportamento, que é imposta aos seres humanos através da participação em práticas socioculturais. Assim observa-se que os componentes afetivos estão no desenvolvimento intelectual e social das crianças. Nesse pressuposto observa-se que o professor não conhece a realidade física e humana dos alunos, não considerando as relações interpessoais. Para isso, ela dispõe de um planejamento de atividades acompanhado com técnicas didáticas, mas não sabe adequá-las à vida diária da sala de aula.

> A afetividade humana é construída culturalmente. Sendo assim, a afetividade não é expressa apenas por meio do toque ou proximidade corporal, muito se fazem com gestos e atitudes, no cuidado, na preocupação com o bem estar. A sensibilidade que o momento requer do educador só será proveitosa se ela atingir o aluno de tal forma, que este, também se torne sensível (ARANTES, 2003: 28).

Para Arantes (2003), pensar sobre afetividade na educação é um processo reflexivo que pressupõe pesquisar, oportunizando contatos com diferentes fontes de informações no entorno da realidade escolar. A escola atual geralmente trabalha com modelos racionais não enfocando a resolução de problemas como agressividade, rebeldia, entre outros, não enfatizando o processo afetivo no contexto escolar. Se o processo de aprendizagem se desenvolve de forma interativa, isto é, também no aspecto social, então, a afetividade será determinante da aprendizagem.

> A escola precisa ajudar toda criança a se autoconhecer, pois assim sentir-se-á apoiada em bases firmes sobre as quais construirá sua vida e saberá identificar o que necessita ser mudado e como realizar essa mudança. Por isso, é relevante que a afetividade esteja presente no ambiente da sala de aula de maneira

positiva (ANTUNES 2007: 21).

Antunes (2007), afirma que aprender não é uma tarefa fácil, e precisa estar preparado com ambiente marcado pela afetividade, com vivências prazerosas no aprender com relações positivas, a fim de possibilitar que aconteça o aprendizado prazeroso.

Mesmo porque, de acordo com Alarcão (2008), para conhecer é preciso pensar, sobre o que e se sente bem. Isso porque a aprendizagem implica um processo pelo qual a criança constrói conhecimentos mediante a observação do mundo que a circunda, sua ação sobre os objetos, a informação que recebe do exterior e a reflexão diante dos fatos que observa. A construção de conhecimento baseia-se na construção de conceitos como ler, escrever, interpretar, criticar e refletir, com suporte não só na criatividade e no raciocínio lógico, mas em suas relações sócio afetivas. As trocas de informações ou experiências com suas concepções do mundo são importantes para a aprendizagem.

> O aprendizado é um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas é a aprendizagem que humaniza o indivíduo, tornando-o apto para as diversas relações sociais. É o aprendizado que possibilita o despertar de processos internos de desenvolvimento com o contato do indivíduo com o ambiente cultural. Entretanto, esse ambiente, especialmente para a criança, deve ser permeado pela afetividade (CAMPOS, 2002: 27).

Por isso, de acordo com Freire (2005), o ensino aprendizagem requer sempre: aquele que aprende e ensina relações entre essas pessoas como ensinante e aprendente. Aprendizagem é, portanto, uma interação social e afetiva. O aprendizado tem relação com o ambiente sociocultural, onde a criança se desenvolve com o apoio das pessoas. Assim, as relações entre desenvolvimento e aprendizado estabelecem forte ligação entre o processo de desenvolvimento da aprendizagem e a relação da criança com o ambiente, tanto escolar, como social e familiar.

Para tanto, o processo ensino-aprendizagem deve acontecer em um ambiente estimulante, que o aluno goste do aprender como um todo como também, se sinta bem no ambiente escolar. O professor, ao promover esse tipo de relação, poderá possibilitar um aprendizado em que o aluno não se sinta oprimido (Freire, 2005), a opressão são fatores que interferem negativamente no aprendizado, onde o aluno sente obrigação de aprender e não o prazer.

Campos, (2002), afirma se deve considerar o ato de ensinar e de aprender como uma constante troca, onde se torna imprescindível à liberdade do educando expor e contribuir com suas explicações, pois Freire (2005), alerta quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende

ensina ao aprender. Esta afirmativa profunda a relação do professor se colocar junto ao aluno, como sujeito do conhecimento, mesmo com uma prática social diferente (formação acadêmica/experiência) ele acompanha o processo de descoberta do aluno, sendo redescoberta para professor. Aqui fica claro que:

> Aprender é um processo que pode deflagrar no aprendiz uma curiosidade crescente, que pode torná-lo mais e mais criador. Quanto mais criticamente se exerça a capacidade de aprender, mais se constrói e desenvolve a curiosidade do educando e essa curiosidade é despertada quando o aluno gosta da escola e sem sente bem em sala de aula (FREIRE 2005: 27).

Assim, embora os fenômenos afetivos sejam de natureza subjetiva, isso não os torna independentes da ação do meio sociocultural, pois se relacionam com a qualidade das interações entre os sujeitos, enquanto experiências vivenciadas. Dessa maneira, pode-se supor que tais experiências vão marcar e conferir aos objetos culturais um sentido afetivo, (PINO, 1997).

Wallon (1971), identifica as primeiras manifestações afetivas do ser humano, suas características e a grande complexidade que sofrem no decorrer do desenvolvimento, assim como suas múltiplas relações com outras atividades psíquicas. Afirma que a afetividade desempenha um papel fundamental na constituição e funcionamento da inteligência, determinando os interesses e necessidades individuais. Atribui às emoções um papel de primeira grandeza na formação da vida psíquica, funcionando como uma amálgama entre o social e o orgânico.

As relações da criança com o mundo exterior são, desde o início, relações de sociabilidade, visto que, ao nascer, não tem meios de ação sobre as coisas circundantes, razão porque a satisfação das suas necessidades e desejos tem de ser realizada por intermédio das pessoas adultas que a rodeiam. Por isso, os primeiros sistemas de reação que se organizam sob a influência do ambiente, as emoções, tendem a realizar, por meio de manifestações consoantes e contagiosas, uma fusão de sensibilidade entre o indivíduo e a aprendizagem, (WALLON, 1971).

> As emoções são manifestações de estados subjetivos, mas com componentes orgânicos. Assim, os atos úteis que a criança pode fazer consistem no fato de, pelos seus gritos, pelas suas atitudes, pelas suas gesticulações, chamar a mãe em seu auxílio. Deste modo, os primeiros gestos não são gestos que lhe permitirão apropriar-se dos objetos do mundo exterior ou evitá-los, são gestos dirigidos às pessoas (WALLON, 1968: 201).

Segundo Wallon (1968), a afetividade e as emoções compartilham significativamente com o processo de ensino e aprendizagem. É com o aparecimento destes que ocorre a transformação das emoções em sentimentos. A possibilidade de representação, que

consequentemente implica na transferência para o plano mental, confere aos sentimentos certa durabilidade e moderação.

Já para Vigotsky (1994), o processo de aprendizagem ocorre em decorrência de interações sucessivas entre as pessoas, a partir de uma relação vincular; portanto, é por , meio do outro que o indivíduo adquire novas formas de pensar e agir e, dessa forma apropria-se (ou constrói) novos conhecimentos. Considerando, a qualidade de essas relações sociais influenciarem na relação do indivíduo com os objetos, lugares e situações.

Baseando-se numa perspectiva teórica fundamentalmente social, Vygotsky(1994) defende a afetividade manifestada na relação educador e educando constituir-se inseparável do processo de construção do conhecimento. Além disso, a qualidade da interação psicopedagógica vai conferir um sentido afetivo para o objeto de conhecimento, a partir das experiências vividas, como também favorecer a autonomia e fortaleceram a confiança dos alunos em suas capacidades e decisões vêm se configurando uma visão essencialmente social ao processo de aprendizagem. É através da interação com outros que a criança incorpora os instrumentos culturais.

Vygotsky (1994), ao destacar a importância das interações sociais, traz a idéia da mediação e da internalização como aspectos fundamentais para a aprendizagem, defendendo a construção do conhecimento a partir de um intenso processo de interação das pessoas. Portanto, o ensino a partir da inserção na cultura da criança, ela vai evoluindo das formas elementares de pensamento para formas mais abstratas, que a ajudarão a conhecer e controlar a realidade. Nesse sentido destaca a importância do outro no processo de construção do conhecimento, mas também de constituição do próprio sujeito e de suas formas de agir.

> Todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: primeiro, no nível social, e, depois no nível individual; primeiro entre pessoas (interpsicológica), e, depois, no interior da criança (intrapsicológica) (VYGOSTYSKY, 1994: 75).

Partindo desse pressuposto de Vygotsky (1994), o papel do outro no processo de aprendizagem torna-se fundamental. Consequentemente, a mediação e a qualidade das interações sociais ganham destaque. Na verdade, são as experiências vivenciadas com outras pessoas que irão marcar e conferir aos objetos um sentido afetivo, determinando, dessa forma, a qualidade do objeto internalizado. Nesse sentido, pode-se supor que, no processo de internalização, estão envolvidos não só os aspectos cognitivos, mas, os afetivos. Assim, abre-se o espaço para investigações científicas abordando a influência dos aspectos afetivos no processo de aprendizagem.

Nesse contexto, segundo Wallon (1978), a relação característica do ensinar e do aprender transcorre a partir de vínculos entre as pessoas e inicia-se no âmbito familiar. A base desta relação vincular é afetiva, pois é dessa forma de comunicação emocional o bebê mobiliza o adulto, garantindo os cuidados que necessita. Portanto, é o vínculo afetivo estabelecido entre o adulto e a criança que sustenta a etapa inicial do processo de aprendizagem. Seu status é fundamental nos primeiros meses de vida, determinando a sobrevivência.

Da mesma forma, a partir da relação com o outro, acontece o vínculo afetivo, nos anos iniciais, a criança tem acesso ao mundo simbólico e, conquista avanços significativos no âmbito cognitivo. Nesse sentido, a criança, toma importante papel do vínculo afetivo, que inicialmente apresenta-se na relação pai-mãe-filho e, irmão(s). No decorrer do desenvolvimento, os vínculos afetivos vão ampliando-se e a figura do professor surge com grande importância na relação de ensino e aprendizagem escolar. Assim, pode-se afirma que:

> Para aprender, necessitam-se dois personagens (ensinante e aprendente) e um vínculo que se estabelece entre ambos. ("...) Não aprendemos de qualquer um, aprendemos daquele a quem outorgamos confiança e direito de ensinar. Com isso, esclarece que toda aprendizagem está impregnada de afetividade, já que ocorre a partir das interações sociais, num processo vincularem. Pensando, especificamente, na aprendizagem escolar, a trama que se tece entre alunos, professores, psicopedagogos, conteúdo escolar, livros, escrita. Não acontece puramente no campo cognitivo. Existe uma base afetiva permeando essas relações (FERNANDEZ, 1991: 47 52).

Fernadez (1991), afirma experiências vividas em sala de aula ocorrem, inicialmente, entre os indivíduos envolvidos, no plano externo (interpessoal). Através da mediação, elas vão se internalizando (intrapessoal), ganham autonomia e passam a fazer parte da história individual. Essas experiências também são afetivas. Os indivíduos internalizam as experiências afetivas com relação a um objeto específico. No âmbito dessas relações, sujeitos, objetos do conhecimento e o contexto que se inserem cumprem todo um processo interativo no qual a afetividade é o componente básico de mobilização, direcionamento e intensidade das ações.

Para Freinet (1998), idealizador da pedagogia e fundador do movimento da escola moderna, a criança é um ser afetivo, um ser inteligente e um ser social como um adulto. Pois, a criança é da mesma natureza que o adulto.

Vigotsky (1994) enfatiza a necessidade vital da consciência do prazer em aprender como elo de aproximação entre educador e educando, além da pedagogia fundamentada no respeito, na solidariedade e na afetividade. Preconizando a compreensão do educando de

maneira global.

A PERSPECTIVA PSICOPEDAGÓGICA

A psicopedagogia é área comprometida em acompanhar o aprendizado, assim, tudo que interfere ou se relaciona com o aprender, é de interesse da área. De acordo com Bossa (2000) a psicopedagogia nasceu da necessidade de uma melhor compreensão do processo de aprendizagem. Assim, surge como necessidade de compreender os problemas de aprendizagem, refletindo sobre questões relacionadas ao desenvolvimento cognitivo, afetivo, psicomotor, implícito as nas situações do sujeito da aprendizagem. Diante da necessidade do ensino ser acompanhado pela afetividade como fator interferente no processo de aprendizagem, à luz do desenvolvimento da criança, contando principalmente com as contribuições oferecidas pela epistemologia genética e psicologia do desenvolvimento afetivo-emocional e sua importância no processo de aprender.

A Psicopedagogia, por contar com várias áreas do conhecimento (Psicologia, Sociologia, Antropologia e outros), assume o papel de desmistificadora do fracasso escolar, considerando o erro importante para o processo de construção do seu conhecimento (PIAGET,1969) a as interações (VYGOTSKY, 1994), como fator importante no desenvolvimento das habilidades cognitivas.

O psicopedagogo assume papel relevante na abordagem e solução dos problemas de aprendizagem. Não procura culpado e não age com indulgência.

> É comum, na literatura, professores serem acusados de isenção de culpa e responsabilizar o aluno ou seus familiares pelos problemas de aprendizagem, mas há um processo a ser visto, às vezes, os métodos de ensino têm que ser mudados, o afeto, o amor, a atenção, isto influencia a questão (BOSSA, 2000:14).

Para Bossa (2000), nesse caso, o psicopedagogo procura avaliar a situação da forma mais eficiente e proveitosa. Em sua avaliação, no encontro inicial com o aprendente e seus familiares, utiliza a “escuta psicopedagógica”, que auxilia a captar através do jogo, e do brincar, a causa de não aprender.

Segundo Fernández (1991) a intervenção psicopedagógica não se dirige ao sintoma, mas, ao poder de mobilizar a modalidade de aprendizagem, o sintoma cristaliza a modalidade de aprendizagem em determinado momento, e é a partir daí vai transformando o processo

ensino aprendizagem. Portanto a Psicopedagogia não lida diretamente com o problema, lida com as pessoas envolvidas. Lida com as crianças, com os familiares e com os professores, levando em conta aspectos sociais, culturais, econômicos e psicológicos. A proposta psicopedagógica parte do autoconhecimento e do desenvolvimento emocional do educando, passa pelo conhecimento de mundo, das relações interpessoais, integrando-as ao cognitivo na situação de aprendizagem, diretamente ligada a aquisição dos conteúdos.

A orientação do psicopedagogo junto ao professor deve ser constante, discutindo não apenas as relações vinculadas, mas também as que dizem respeito ao conteúdo, atuação do aluno, formas de avaliação e reação dos pais frente a essa nova postura da instituição. Desta forma, o educador poderá rever constantemente a relação afetiva e as dificuldades do educando e saber esperar pela resposta e produção do educando, independente das pressões e tensões. Trabalhar a ansiedade do educando, dos pais, da escola e dele próprio enquanto educador (FERNANDEZ, 1991).

Na sala de aula, o educador entrelaça a relação da afetividade, por estar mais próximo dos alunos. Diante disso, estabelece uma relação afetiva com eles e exploram espaços de construção e de desenvolvimento da aprendizagem, valores, atitudes no aprendizado. Nesse sentido, Morales (2003) a qualidade das relações interpessoais manifesta-se como: comunicação, afeto e interesse.

Morales (2003) afirma que o modo como se dá a relação com os alunos pode e deve incidir positivamente no aprendizado, como em nossa própria satisfação pessoal e profissional. Entretanto, percebe-se educadores no campo científico, metodológico ou político, não se preocuparem com a forma do educando aprender. Ao se considerar a aprendizagem desenvolver-se com base nos pilares cognitivos e das emoções fazem-se necessário professor-aluno estarem integrados com o processo de ensino.

O aluno, segundo Luckesi (1994), é um sujeito ativo que, pela ação, ao mesmo tempo se constrói e se aliena. Ele é um membro da sociedade como qualquer outro sujeito, tendo caracteres de atividade, sociabilidade, historicidade, praticidade. Na relação educativa, dentro das práxis pedagógica, o sujeito busca uma nova determinação em termos de patamar crítico da cultura elaborada. Ou seja, o ser humano busca adquirir novo patamar de conhecimentos, habilidades e modo de agir. Mas, o aluno não tem essa visão e muitas vezes se angustia com a forma que a escola incorpora novos conhecimentos e novas descobertas.

> Quando uma criança aprende um novo modo de executar uma brincadeira e de ser, não suprime o anterior, ao contrário, incorpora o modo anterior ao novo

> modo de execução. É o novo que nasce do velho, incorporando-o por superação (Luckesi, 1994: 118).

Para Libâneo (2002), assim relações entre os professores e alunos, as formas de comunicação, os aspectos afetivos e emocionais, a dinâmica das manifestações na sala de aula, fazem parte das condições organizativas do trabalho docente, juntamente com os aspectos cognitivos e sócio-emocionais da relação professor-aluno. Isso significa que o trabalho docente se caracteriza não apenas pelo preparo pedagógico e científico do professor e de toda a equipe da escola, mas também, pelo constante vaivém entre as tarefas cognoscitivas colocadas pelo professor e o nível de preparo dos alunos para resolverem as tarefas.

Bossa(2000), o psicopedagogo frente às dificuldades de aprendizagem começa a configurar-se quando toma consciência das dificuldades presentes nessa relação professor/alunos apresentar propostas de intervenção com objetivos de comunicação clara e compreensível, na escola num todo.

De acordo com Alves (2003), para obter uma boa interação no aspecto cognoscitivo, leva- se em conta o manejo da linguagem, o tom da voz. Nesse sentido, o que conta é a condição social do aluno, conhecer o nível de conhecimento, e uma ação metodológica com objetivos claros e estratégias de ensino de acordo com a capacidade dos alunos. Outros aspectos indispensáveis são os sócio-emocionais. Estes aspectos referem-se aos vínculos afetivos entre o professor e os alunos, como também às normas e exigências objetivas que regem a conduta dos alunos na aula.

Bossa (2000), uma política de intervenção capaz de contribuir para a superação dos problemas de aprendizagem. Neste contexto, o psicopedagogo institucional, como um profissional qualificado, está apto a trabalhar na área de educação, dando assistência aos professores e a outros profissionais da instituição escolar para a melhoria das condições do processo ensino-aprendizagem, bem como para prevenção dos problemas de aprendizagem. Com técnicas e métodos próprios, o psicopedagogo possibilita uma intervenção psicopedagógica visando à solução de problemas de aprendizagem em espaços institucionais. Juntamente com a equipe escolar, mobilizando a construção de um espaço adequado às condições de aprendizagem de forma a evitar comprometimentos. Elege a metodologia e/ou a forma de intervenção como o objetivo de facilitar e/ou desobstruir tal processo.

Para Bossa (2000), o psicopedagogo tem a contribuir na organização do aprendizado dos escolares com intervenção, com caráter preventivo, sua atuação inclui: orientar os pais; auxiliar os professores e demais profissionais nas questões pedagógicas; colaborar com o

entrosamento de todos os integrantes da instituição; e, principalmente, socorrer o aluno que esteja sofrendo, qualquer que seja a causa na organização da aprendizagem.

> Cabe ao psicopedagogo perceber eventuais perturbações no processo aprendizagem, participar da dinâmica da comunidade educativa, favorecendo a integração, promovendo orientações metodológicas de acordo com as características e particularidades dos indivíduos do grupo, realizando processos de orientação. No caráter existencial, o psicopedagogo participa de equipes responsáveis pela elaboração de planos e projetos no contexto teórico/prático das políticas educacionais, fazendo com que os professores, diretores e coordenadores repensem o papel da escola frente a sua docência e às necessidades individuais da aprendizagem e ou, da própria ensinagem (BOSSA, 2000: 23):

O psicopedagogo tem a compreensão da necessidade em acompanhar aprendizagem do aluno, e abre espaço para que a escola viabilize recursos para atender às necessidades de aprendizagem. Desta forma o psicopedagogo institucional passa a tornar uma ferramenta poderosa no auxílio da aprendizagem.

ESTUDO DE CASO

O estudo de caso para Lüdke e André (1986), é uma análise qualitativa que explica ligações causais nas intervenções na vida real que são muito complexas para serem abordadas por pesquisas e/ou estratégias experimentais; para descrever o contexto da vida real no qual a intervenção ocorreu; para fazer uma avaliação, ainda que de forma descritiva, da intervenção realizada; e para explorar aquelas situações onde as intervenções avaliadas não possuam resultados claros e específicos.

> Abordagem do estudo de caso vem sendo usada há muitos anos em diferentes áreas do conhecimento (...) em que se faz o estudo exaustivo de um caso para fins de diagnose, tratamento ou acompanhamento (LÜDKE E ANDRÉ, 1986: 30/31).

Segundo Lüdke e André (1986), o estudo de caso é adequado para responder a questões "como" e “por que", questões explicativas e tratam de relações operacionais que ocorrem ao longo do tempo mais do que freqüências ou incidências.

A entrevista foi o instrumento utilizado para coletar dados no estudo de caso. Nesse sentido, Lakatos e Marconi (2005) destacam que a entrevista um dos instrumentos básicos para a coleta de dados, dentro da perspectiva da pesquisa qualitativa. Pois, a entrevista tem como objetivo principal obter informações do aluno e sobre sua vivência, seus conflitos nas relações familiares e sociais. Assim, nesta investigação, os dados foram gerados através de

uma entrevista aberta, pois se entendeu que seria o instrumento apropriado para a pesquisa qualitativa.

O estudo começou com uma entrevista informal com a mãe do aluno que seria motivo do estudo para pedir permissão dela. A família de M (abreviação do nome da criança em estudo) constituída pela mãe, avó e seu irmão. Os pais são separados, sendo que o aluno conviveu com seu pai só até os três anos de idade. A mãe se casou e deixou-o morando com a avó; algumas vezes, ele presenciou as agressões que a mãe sofria com o marido atual. Segundo a avó, isto causou uma revolta muito grande em M, pois se sentia abandonado pela mãe e ainda hoje, segundo ela, M tem ressentimentos da mãe.

M apresenta queixa que, desde o jardim III apresentava dificuldade motora. É uma criança tímida, medrosa, porém, inteligente. O problema foi diminuindo quando no 3º ano do ensino fundamental a professora usou um método que favoreceu seu desenvolvimento, para organizá-lo na escrita e isso foi muito bom para ele, pois eu estava procurando uma professora assim, que desse atenção a ele e o ensinasse. Ela teve muita paciência com ele e dedicou muito tempo para ajudá-lo, fazendo com que M gostasse muito dela e passasse a gostar da escola, dos colegas e dos estudos. Ela foi à melhor professora que o M teve, se ele pudesse sempre contar com profissionais assim, ele iria com certeza superar todos os limites. Não sei o que ela fez, mas sei que ela o ensinou como ninguém antes. Ninguém entendia nada do que ele escrevia eram verdadeiros garranchos, depois da professora ele ficou com a letrinha linda, foi impressionante. Totalmente linda a letrinha do M.

Em 2009, uma nova professora começou a dar aula na sala em que M estava; logo ela percebeu que ele enfrentava algumas limitações. Mediante observações resolveu falar com a professora anterior e, segundo a professora, a avaliação dele era diferenciada, pois não conseguia ler as respostas dadas por ele, a letra dele é ilegível, por isso ela perguntava cada questão ele ia respondendo assim era feita sua avaliação.

Por isso, a nova professora viu a necessidade de fazer um trabalho diferenciado com esse aluno. Então, a professora convidou o professor de capoeira da escola para trabalhar juntamente com ela sendo que ela trabalhava o afetivo, o cognitivo e a socialização, e o professor trabalhava psicomotrocidade e interação.

No dia dos pais foi confeccionado um cartão onde cada aluno construiria o seu cartão para dar ao pai com uma mensagem, que seria feita pelo próprio aluno; no cartão M escreveu: “Pai, por favor, apareça, pois sinto muita falta do Senhor volta logo, te amo”.

A professora percebeu no aluno o baixo rendimento escolar, problemas emocionais, dificuldades psicomotoras, problema na escrita. M está acima do peso e tem uma baixa

autoestima. Para superar as dificuldades a nova professora trabalhou a parte afetiva com ele: primeiro se aproximou dele para conquistar sua confiança; a partir daí, pode estabelecer um comprometimento no relacionamento, o auxiliou a ter confiança em si mesmo. Além disso, por ser isolado, fez um trabalho de aproximação com os outros alunos especialmente para a interação em sala de aula e durante o intervalo; para isso, utilizaram-se alguns procedimentos de ludicidade. Para auxiliar no trabalho e vencer os problemas afetivos e de aprendizagem, solicitou apoio ao professor de capoeira, que lhe possibilitou um trabalho de desenvolvimento psicomotor.

A partir daí, o aluno teve um desenvolvimento e um melhoramento gradativo. Entretanto, a professora e o professor de capoeira ainda trabalham os aspectos psicomotor e afetivo, a fim de manter o progresso no seu desenvolvimento integral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o estudo e pesquisa percebe-se que a afetividade, por influenciar no estado de ânimo ou humor, devido a ser composta por sentimentos e emoções, pode determinar as atitudes das pessoas diante de qualquer situação ou experiência de vida, promovendo os impulsos motivadores ou inibidores. Deste modo, exerce uma profunda influência sobre o pensamento e a conduta das pessoas.

Devido a influência da afetividade nas relações interpessoais e nas relações de aprendizagem o aluno precisa ter afinidade com o assunto, o professor, e a maneira como essa abordagem em sala de aula, ao sentir-se bem no ambiente de aprendizagem terá maior vontade de aprender.

Essa experiência afetiva no ambiente da sala de aula deve ser promovida pelo professor e, quando ocorre a falta da afetividade, o professor acaba por utilizar técnicas e metodologias que não atendem às necessidades de seus alunos, fazendo com que eles não se sintam motivados a aprender.

Por isso, o professor deve criar um ambiente propício ao aprendizado prazeroso e onde o aluno possa desenvolver-se integralmente, como também perceber que o ambiente escolar é permeado por relações afetivas que proporcionam a interação entre pessoas; portanto, na relação professor-aluno no desenvolvimento da aprendizagem deve ser permeado do afeto, pois nessas relações entre professor/aluno contribuem de forma significativa para o saber.

Isso ocorre, pois o afetivo entre professor/aluno tem ligação direta com a

aprendizagem, diante das atitudes dele são estabelecidas relações com a aprendizagem.

Ensinar com afetividade e compartilhar emoções e sentimentos não são fáceis, mas é possível. Basta ao professor criar ambientes propícios de harmonia e criar laços de afetividade, baseados no respeito e confiança. Com isso, os alunos poderão ter uma interação positiva com a aprendizagem, com o professor, e colegas. Somente assim, a afetividade irá fazer a diferença no desenvolvimento das habilidades dos alunos.

Ao final desta pesquisa analisou-se que a dificuldade encontrada pelo aluno no estudo de caso, está relacionada ao processo ensino aprendizagem, não estarem associados aos fatores psicomotores e afetivos que contribuíram para o desempenho escolar do educando.

Ao professor cabe a função de ensinar, desenvolver habilidades e competências. Mas para isso acontecer com êxito é necessário que exista a afetividade para ensinar a estabilidade emocional e disciplina nos estudos necessário na atmosfera educacional para o desenvolvimento cognitivo e afetivo do educando.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

ALMEIDA, Ana Rita Silva. **Emoção na sala de aula.** Campinas: Papirus, 1999.

ALVES, Rubem. **Fomos maus alunos**. 2. Ed. São Paulo: Papirus, 2003.

ANTUNES, Celso. **Relações interpessoais e autoestima: a sala de aula como espaço do crescimento integral**. 5. Ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

ARANTES, V. A (org.). **Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 2003.

BOSSA, Nadia A. **A Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

CAMPBELL, Linda et al. **Ensino e aprendizagem por meio das inteligências múltiplas**. 2. Ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

CAMPOS, Dinah Martins de Souza. **Psicologia da Aprendizagem**. 32. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

FERNÁNDEZ, Alicia. **A inteligência aprisionada**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FREINET, C. **Ensaios de psicologia sensível**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

HAYDT, Regina Célia Cazaux. **Curso de Didática Geral**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1998.

LA TAILLE, Yves de. **Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2005.

LEITE, S. da S.; TASSONI, E.C.M. **A afetividade em sala de aula: as condições de ensino e a mediação do professor.** In: GAZZI, Roberta; SADALLA, Ana M.F de A. (orgs.). *Psicologia e Formação de docentes: desafios e conversas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

LIBÂNEO, José Carlo. **Adeus Professor, adeus professora: novas exigências educacionais e docente.** São Paulo: Cortez, 2002.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MORALES, Pedro. **A relação professor-aluno: o que é, como se faz**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

MOYSÉS, Lucia. **A autoestima se constrói passo a passo**. Campinas: Papirus, 2001.

OLIVEIRA, J. H. B.. **Freud e Piaget: afetividade e inteligência.** Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky: Aprendizado e desenvolvimento num processo histórico**. São Paulo: Spcione, 2004.

PIAGET**,** Jean. **O juízo moral na criança**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1994 .

PIAGET, Jean. **Para onde vai à educação?** Rio de Janeiro: Olympio / UNESCO, 1978.

PINO, A. **O biológico e o cultural nos processos cognitivos, em Linguagem, cultura e cognição: reflexão para o ensino de ciências**. Anais do encontro sobre Teoria e Pesquisa em ensino de ciências. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1997, p. 5-24.

ROSSINI, Maria Augusta Sanches. **Pedagogia afetiva**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

SALTINI, Cláudio João Paulo. **A afetividade & inteligência: a emoção na educação**. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

SOUZA**,** M. T. C. C. **O desenvolvimento afetivo segundo Piaget**. In ARANTES, V. A. (Org.). *Afetividade na escola*: *alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 2003, p. 53-70.

VYGOTSKY, Lev. **A formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1994

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Edições 70, 1968.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Edições 70, 1978.

WALLON, Henri. **As Origens do Caráter na Criança**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1971.

WALLON, Henri. **Do acto ao pensamento**. Lisboa: Moraes Editores, 1978.